

Política Social: uma questão de Educação Iniciada pelos Jesuítas.

Y. Kassab¹; C. R. da Silva ²

¹ Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo. Mestrado em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do CNPQ . Professora pesquisadora e coordenadora do grupo intitulado Núcleo de Estudos Sistêmicos e Pesquisas em Educação NESPE - com pesquisas voltadas a Gestão Compartilhada no Ensino Superior. Professora e pesquisadora de diferentes disciplinas na graduação e pós-graduação Centro Universitário Estácio de Sá – São Paulo.

Mestre em Economia Política pela PUCSP. Membro do Grupo de Pesquisa da PUC-SP Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia (EITT). Membro da Comissão de Educação do CORECON-SP. Professor Universitário na Graduação Tecnológicas e Pós Graduação (MBA) do Centro Universitário Estácio de Sá – São Paulo.

e-mail: yarakassab@terra.com.br

COMO CITAR O ARTIGO:

KASSAB, Y. ; SILVA, C.R. **Política Social:** uma questão de Educação Iniciada pelos Jesuítas. **Unifitalo em pesquisa**, URL: www.italo.com.br/portal/cepesq/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.6, n.1, p. 134-156, jan/2016.

RESUMO

Este trabalho examina as manifestações de atividades lúdicas presentes na educação, na catequese, nas artes e nos ofícios utilizadas como estratégia metodológica pelos jesuítas no Brasil no século XVI. Os jesuítas tiveram êxito na catequização na educação e no exercício das artes e ofícios por terem estabelecido um complexo processo de oposições e sínteses culturais, muito próprias das ideias da Companhia de Jesus. Elementos como a dança, os jogos, o teatro, a mímica, o entalhe, o esculpir, o tecer, tanto dos índios como dos europeus, reelaborados pelos jesuítas, passaram a coexistir no Brasil do século XVI. Os inicianos tiveram a sensibilidade e a destreza, de assegurar e reconhecer os conhecimentos, as experiências e a língua dos nativos da América Portuguesa, o que deu suporte às relações de dominação e subordinação realizada pela Companhia de Jesus, objetivando a salvação de homens e almas, para a “maior glória de Deus”. A educação para o trabalho permeia a sociedade de hoje que busca, no trabalho, equilíbrio e bem-estar social, além de uma economia sustentável.

Palavras-chave: política educacional, política social, lúdico. jesuítas, economia.

ABSTRACT

This work examines the manifestations of fun activities the arts and crafts used as methodological strategy by the Jesuits in Brazil in the 16th century. The Jesuits succeeded in catechism, and in the exercise of the arts and crafts for having established a complex process of cultural syntheses and oppositions, very own ideas of the society of Jesus. Elements such as dance, games, theatre, MIME, Nick, sculpt, weave, both Indians and Europeans, documented by the Jesuits, began to coexist in Brazil in the 16th century. The of Loyola had the sensitivity and dexterity, ensure and recognize the knowledge, the experience and the language of the natives of Portuguese America, which gave support to the relations of domination and subordination held by the society of Jesus, to the salvation of souls and men, to the “greater glory of God”. Education to work permeates today’s society that seeks, at work, balance and social welfare, and a sustainable economy.

Keywords: educational policy, social politique, playful, jesuits. economy.

1 INTRODUÇÃO

Tão logo chegaram ao Brasil, os jesuítas iniciaram sua principal missão entre os indígenas: educar para o ofício e para o cristianismo. Para isso, valeram-se da observação e aprendizagem dos costumes e da língua nativa e, gradativamente, introduziram a religião cristã, a cultura européia, a leitura e a escrita, o teatro, as artes e o ofício.

Com visão de educadores, vislumbraram a possibilidade de erguerem colégios na Colônia, já que a catequese volante não foi satisfatória. E assim o fizeram. Seguindo as orientações do padre Simão Rodrigues, os jesuítas planejaram uma escola ao modelo do colégio de santo Antão de Lisboa, estabelecida no ano de 1553 (KASSAB, 2012, p.172).

Durante o período de sua permanência na colônia, os jesuítas introduziram, gradativamente, novas formas sociais, educacionais e artísticas. Novas artes e ofícios e novos rituais às danças, músicas e cantos tradicionais dos indígenas, revelados em suas festas, também foram introduzidos, ao mesmo tempo em que os corais, as músicas cantadas nas missas, os instrumentos tocados e o teatro foram permeados pelas manifestações culturais indígenas.

Os espetáculos oferecidos nas igrejas, a acomodação ao gosto do gentio e mesmo a certas formas exteriores a que eram sensíveis, o bilinguismo, a aproximação que permitiu entre o público e as criações artísticas são traços singulares da iniciação literária [brasileira] [e] constitui um aspecto pouco estudado desse período primário da nossa vida colonial. (SODRÉ, 1960, p.70).

A partir destas reflexões, busca-se tratar estas relações em termos de presença comum da interação, de entendimentos e práticas

interligadas, privilegiando as demonstrações de alegria, de senso de humor e práticas lúdicas. Na colonização da América Portuguesa os jesuítas tinham na formação e na educação a sua ideia-força, estabelecendo escolas de ler, escrever, de catequese e de artes e ofícios.

Sob, este aspecto, também a aprendizagem foi difícil, por que os rapazes ainda tinham presentes na imaginação a vida da selva, onde, com a pequena agricultura, o trabalho necessário para o sustento da vida era apenas o da caça e pesca. [...] Tendo na cabeça a imagem da sua Aldeia, de casas de palha: de que servia, por exemplo, aprender as artes de pedreiro e carpinteiro? (LEITE, Serafim. **Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil 1549-15760**, p. 23).

A partir dos elementos apresentados, esse trabalho procura analisar os espaços sociais em que as culturas indígena e europeia, embora díspares, se encontram.

2 INTERAÇÃO SOCIAL: A LINGUAGEM E O LÚDICO

Os jesuítas, ao aportarem no Brasil em 1549, iniciaram a aprendizagem da língua dos nativos, pois o conhecimento linguístico constituía para Nóbrega “a mais principal ciência para cá mais necessária” (NOBREGA in cartas jesuíticas I, 1988 p. 35). Conhecer a língua Tupi possibilitou a eles atrair os nativos à catequese.

O desafio por parte dos jesuítas, em estabelecer uma comunicação diante da diversidade lingüística, existente na então colônia portuguesa fica equacionada ao adotarem a língua geral, como

língua que passa a mediar as comunicações entre quase todos os povos indígenas da costa Brasil e os europeus.

Alguns jesuítas destacaram-se como bons aprendizes da língua geral entre eles o padre João Azpilcueta Navarro, que mal chegou à colônia, se pôs a traduzir e escrever algumas orações.

Nóbrega (in cartas jesuíticas I, 1988, p. 73) detalha:

trabalhamos de saber a língua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as aldeias [...] (e aprender com eles a língua), e il-os doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua língua as orações e algumas práticas de Nosso Senhor e não posso achar língua que m'o saiba dizer, porque são elles tão brutos que nem vocábulos têm Espero de as tirar o melhor que puder com um homem (era Diogo Álvares, o *Caramuru*) que nesta terra se criou de moço, o qual agora anda mui occupado em que o Governador lhe manda e não está aqui. (Nóbrega, 1549-1560. p.73).

Com o auxílio de *Caramuru* o padre Navarro traduziu na língua Tupi, o Padre Nosso, os Mandamentos, a criação e o fim do mundo e diálogos da Santa Fé, entre outros textos religiosos.

Nóbrega (NOBREGA, in cartas I, p. 35), contou também, na conquista das almas, com o auxilio dos órfãos vindos de Lisboa que juntamente com os filhos dos nativos saíam pelas aldeias a pregarem, pois, os jesuítas tinham a consciência de que só o uso da língua nativa não bastaria como estratégia metodológica para a catequização.

Quando algum destes meninos sai fora, ajuntam-se mais de duzentos gentios, e o abraçam e riem com ele fazendo-lhe muita festa, e vêm à casa dos meninos para aprender a doutrina, e depois vão-se a suas casas a mostrar e ensinar a seus pais e irmãos; e os gentios têm já erguida uma ermida terra adentro, onde tem uma cruz, e os meninos índios ajuntam-se ali e fazem oração e ensinam aos outros a doutrina

que nossos meninos lhes ensinam; e como são todos meninos, logo aprendem de maneira que os nossos meninos entendem muitas coisas de sua língua. Bendito seja o Senhor para sempre (DOMÉNICH, 1551).

Os meninos foram, portanto, levados a participar estrategicamente como facilitadores entre as duas culturas, transpondo a barreira do contato e da comunicação entre os dois universos.

Segundo a metodologia jesuítica utilizada para ensinar os nativos (a língua geral), “os índios deveriam primeiro aprender as palavras, depois seu significado, e em seguida as intenções” (SEBE, 1982). Estas ações e preocupações que os jesuítas tiveram para com o outro, estão fundamentadas nos Exercícios Espirituais e nas *Constituciones de la Compñia de Jesús. Normas Complementarias*¹⁷ que constituíam as primeiras normas e regras que regulamentavam e expressavam a espiritualidade inaciana bem como a metodologia a serviço da catequização.

Os jesuítas perceberam também que poderiam se valer do lúdico presente na sociedade indígena como metodologia da comunicação introduzindo, formas artísticas e rituais europeus nas diversões e nos rituais indígenas.

Ao se examinar as cartas jesuíticas, fragmentos e outras fontes, primárias ou secundárias, pode-se notar que, tanto a cultura indígena como a jesuítica, estão permeadas de traços lúdicos, o que facilitou a interação entre ambas.

Novaes afirma que: “a cultura portuguesa como a dos povos indígenas. [...] ambas traziam um traço de união surpreendente, que era

¹⁷ Província Mexicana de la Compañia de Jesus. www.sjmex.org
Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.6, n.1 janeiro 2016

o senso de humor. Pode parecer estranho invocar o humor para essas duas culturas consideradas tristes” (NOVAES,1999, p.105). É, pois, no contexto cultural, que se desvela a influência da metodologia do lúdico empregada pela Companhia, no século XVI, no Brasil colonial e suas influências na catequese.

O viajante Jean de Lery que esteve no Brasil no ano de 1557 observou que os nativos “bebam pouco ou muito, porém, como não sofrem de melancolia congregam-se todos os dias para dançar e folgar” (LERY,1980, p.132).

Tanto Anchieta como Cardim apontam características da dança em relação ao estado de alegria e melancolia dos nativos e chamam a atenção para o bailado conjunto de homens e mulheres.

Ainda que são melancólicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, [...] os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade[...] de pequeninos os ensinão os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são diferentes de mudança, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem com tal compasso, com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo do que usão os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que também fazem muito boas contas, e assim bailam contando juntamente, porque não fazem uma cousa sem a outra.[...] As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailam sós (CARDIM,1980, p. 93).

Jean de Lery enfatiza, nos seus relatos, os momentos de características lúdicas presentes nos principais eventos da sociedade indígena tais como: nascimento, morte, guerras, vitórias e consórcios. Os índios utilizavam-se, também de enfeites de plumas, máscara e pintavam-se, seja para transmitirem alegria ou melancolia. Nessas

manifestações culturais e ainda em reuniões para se tomar decisões, os nativos bebiam o *cauim*

No livro *Viagem à Terra do Brasil*, Lery relata:

os moços casadoiros adornam-se com um desses grandes penachos a que chamam *araroy* e que são atados à cintura; empunhando às vezes o *maracá* e dispendo nas pernas os chocalhos de frutos secos [...] não fazem outra coisa todas as noites senão entrar e sair de casa em casa dançando e saltando (LERY, 1980, p.132).

Segundo Lery (1980, p.132) “cumpre notar que em todas essas danças (realizadas para o consórcio), quaisquer que sejam, nunca as mulheres se misturam aos homens; se querem, fazem-no em grupos separados”.

Leite (1938, p.38) em sua obra *História da Companhia de Jesus no Brasil* afirma que:

quando os meninos da terra faziam entradas pelo sertão a pé,[...] os índios [...]recebiam-nos ao som de seus instrumentos musicais, - a taquara e o maracá. E eles, com grinaldas na cabeça, faziam procissões, erguiam cruzeiros, cantavam, dançavam.

Os jesuítas se valeram de ações lúdicas até mesmo para reprimir atitudes de resistência, pois os pais indígenas eram dóceis e pacientes com seus filhos e não costumavam castigá-los, muito menos por conta do ato de não irem ou fugirem das casas de ensinar. Valendo-se deste comportamento, os jesuítas

quando algum menino da escola é preguiçoso e não quer ir à escola, o irmão o manda buscar pelos outros, os quais o trazem preso e o tomam às cavaleiras com muita alegria. E seus pais e mães folgam muito com isso (LEITE,1938, p.91).

São várias as circunstâncias reveladoras de momentos lúdicos entre indígenas. Em viagem ao sertão pelos idos de 1555, o padre João Azpilcueta narra de forma bastante específica uma das cerimônias festivas realizada pelos indígenas tapuias (índios contrários).

[...] em uma aldeia grande onde estavam seus feiticeiros fazendo aqui .feitiçarias, aos quaes, porque andam de uma parte para outra, fazem os Índios grandes recebimentos, concertando os caminhos por onde hão de vir e fazendo grandes festas de comer e beber. Estava, pois nesta aldeia muita gente de outras aldeãs que era vinda às festas dos feiticeiros.[...] No meio de uma praça tinham feito uma casa grande, e nella outra mui pequena, na qual tinham uma cabaça figurada como cabeça humana, mui ataviada a seu modo, e diziam que era o santo e lhe chamavam ``Amabozaray´´, que quer dizer pessoa que dança e folga, que tinha virtude de fazer os velhos se tornassem moços. Os índios andavam pintados com tintas, ainda nos rostos, e implumados de pennas de diversas cores, bailando e fazendo muitos gestos, torcendo as bocas e dando uivos como perros: cada um trazia na mão uma cabaça pintada, dizendo que aquelles eram os seus santos, os quaes mandavam aos índios que não trabalhassem porque os mantimentos nasceriam por si, e que as frechas iriam ao campo matar e caçar (CARTAS JESUÍTICAS II, 1555. p.173).

Esta representação indígena revela uma teatralidade e uma criatividade, que os jesuítas souberam aproveitar, perceberam a possibilidade de novas interações de saberes ou ainda perceberam um território de novas interdições e liberdades. Nesse sentido, pode-se dizer

que os jesuítas compreenderam o lúdico como necessidade à época e ao local que se encontravam um Brasil colônia¹⁸.

Os jesuítas observaram também que os indígenas possuíam outras habilidades, como imitadores de cantos de pássaros e outros animais, compositores de cânticos e trovas de improviso, revelando-se bons atores.

Estudos realizados por Cardoso é descrito “um espetáculo comum entre os indígenas”, composto dos seguintes atos:

Primeiro momento – O preparo - quando os índios, distante do povoado, com acompanhamento festivo preparam um novo caminho ou um caminho novamente aberto e engalanado (enfeitado) em honra ao visitante, que estará sendo conduzido às suas tabas; **segundo momento - O encontro** – quando o visitante é saudado pelos chefes índios ou a grande saudação; a representação mostra a hospedagem nas casas com o dialogo sobre a viagem do hospede: dão-se largas à *fantasia*, descrevendo todas as dificuldades por que teria passado o visitante até chegar à aldeia, com grande sentimento de todos, principalmente das mulheres; **terceiro momento - A discussão** -quando os índios discutem entre si se devem matar o visitante ou deixá-lo agir em paz na tribo. Na discussão sobre o destino do visitante seguem-se festejos de diversos tipos, danças, cantos e musicas; juntam-se aos índios os pajés que jogam suas contas para certificarem-se que o visitante deve viver ou morrer, se é bom, como era o caso dos padres, no dia seguinte faz-se uma espécie de pregação pelo povoado. correm toda a aldeia pé ante pé, muito de vagar; e o pregar também pausado, freugmático e vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam todos os trabalhos, tempestades, perigos de morte que o padre padeceria, vindo de tão longe para os visitar e consolar, e juntamente os incitam a louvar a Deus pela mercê recebida; **quarto momento - O desfile** - depois disso ocorre o desfile festivo ou procissão pelo caminho engalanado, com canto,

¹⁸ Nóbrega também presenciou cenas semelhantes entre os “Topinaquis” e os “Topinambás” e descreveu-as em carta enviada provavelmente da Bahia em agosto de 1549, cujo título é Informações das Terras do Brasil publicada em cartas jesuíticas I, cartas do Brasil- Manoel da Nóbrega.

músicas ou danças realizadas por meninos índios (CARDOSO, 1977, p. 51-53).

Desse modo, como metodologia de comunicação, uniram-se o sagrado e o profano utilizando formas artísticas e rituais europeus e indígenas.

3 O TEATRO NO PROCESSO CATEQUÉTICO

José de Anchieta utilizou-se mais de uma língua nas representações, para agradar aos ouvintes e, adequava alguns personagens, como por exemplo, o diabo, não só para representar o mal, mas também para divertir, pois ele era galhofeiro, fanfarrão e malicioso. Era assim também que José de Anchieta agradava os índios, utilizando personagens que os faziam rir e se alegrarem. O Anjo também era outro personagem frequente, representando a luta do bem contra o mal, e não era alheio aos índios que acreditavam nos espíritos do bem e do mal.

Segundo Cardoso (1977 p.49-53),

O Auto de Anchieta foi criado de acordo com as características do ambiente em que estava sendo apresentado – o Brasil colônia. Tem longas partes recitadas, desfiles, danças, cantos músicas e as vezes uma oração ou discurso final, podendo as vezes durar muitas horas. Em seus Autos Anchieta, utilizava-se dos mistérios e das moralidades, eram representados em torno da igreja, materializando-se nas figuras dos anjos e dos demônios, personificando os apóstolos do bem e do mal, da virtude e do vício.

Ao entrar em contato com novas culturas, os Autos adquirem novas roupagens. De forma criativa e adaptativa Anchieta inspirou-se

nos usos e costumes indígenas, utilizando-se das músicas, das danças e dos cantos usados em suas festas cerimoniais em seus Autos.

Nota-se também a presença de personagens femininos, embora as mesmas fossem proibidas pela Companhia de Jesus. É bem verdade que a maioria são figuras simbólicas ou espiritualizadas e raramente retratava mulheres da vida real, a personagem “velha índia” que aparece no Auto de São Lourenço.

As personagens femininas eram proibidas nos Colégios da Companhia de Jesus e também Gil Vicente, não as usava em seu teatro. Anchieta incorporou também no teatro, elementos indígenas retirados da fauna e da etnologia, o que favoreceu a aceitação e assegurou o bom desempenho dos atores nativos.

Os jesuítas, por preocupação escolar, e muito por inclinação nacional portuguesa, empregaram esforços meritórios para o estabelecimento e manutenção do teatro, com o duplo intuito de cultivar o gosto literário na Colônia e utilizar, na divulgação do Evangelho, o talento e a predisposição evidente dos índios para o movimento oratório e para a música. Esse esforço facilitou a inclusão do teatro nas atividades educacionais dos jesuítas (LEITE, 1938 p.612).

Leite (1938), informa que as representações teatrais dos jesuítas transcorriam em duas instâncias, nas aldeias e nos colégios, nestes apresentavam-se as comédias e as tragédias, denunciando preocupações estéticas; nas aldeias, representavam-se os Autos. O teatro também tinha um escopo moral e cristão transmitidos de forma divertida, bem ao estilo do bom humor indígena.

O teatro de Anchieta é considerado por muitos estudiosos uma das primeiras e mais completas formas de catequização jesuítica no Brasil. Reuniam-se grupos, geralmente de crianças indígenas, para se ensaiar

as peças escritas pelos missionários a partir do que observavam na vida dos nativos. Com isso, os padres tematizavam o cotidiano indígena, inserindo censura através da moral e dos bons costumes cristãos. Nas cenas, adaptava-se a vida nativa para uma vida cristã, criticando-se a poligamia, a embriaguez e a antropofagia

Nos relatos de Cardoso (1977, p. 57) pode-se observar que:

nas peças de Anchieta encontram-se danças variadas à maneira de Portugal...Ele mesmo observa a facilidade dos meninos índios, que eram geralmente os seus atores, em aprenderem esses passos diferentes: fazem suas danças à portuguesa, com tamborins e violas, com muita graça, como se fossem meninos portugueses.

O teatro foi utilizado antes mesmo de se ensinar a ler, a escrever e a contar. Para Anchieta o teatro não era utilizado como simples diversão, mas como instrumento valioso de educação e cultura. Por isso o jesuíta o aproveitou tanto na catequese como na pedagogia, instruindo, deleitando e atraindo multidões

4. EDUCAÇÃO DE ARTES E OFÍCIOS

4.1. Na terra de Santa Cruz

Mas assim como nas grandes nações, ao lado dos ministérios clássicos se criou o da Economia ou do Trabalho, assim também se pode observar que, a par da construção espiritual [...] e [...] educacional do Brasil na quota parte que cabe à Companhia de Jesus da Assistência de Portugal, se exerceu outra acção, menos visível e mais humilde, sumamente eficaz em todo caso, de Artes e Ofícios (LEITE, 1953, p. 1).

Nóbrega sabia que no aspecto das artes e ofícios, na formação dos nativos, também encontraria dificuldades. Sabedor de que os nativos das terras brasílicas traziam, presente na memória, a vida livre das selvas, onde o trabalho necessário era apenas para o sustento imediato; programar uma rotina de ofícios seria uma tarefa árdua. Relata padre Luís da Grã em sua carta datada de 27 de dezembro de 1554, enviada à Inácio de Loyola, Roma que:

destos moços puse a deprender officios quatro o cinco, y esto se a de hazer com lós otros, sino que no há aqui officios que lês armen, y son ellos de tal condición que, si lês diere el maestro, irse na luego: que em casa tenemos mucho trabajo[...] (1554, p. 136).

Alicerçando-nos em Leite (1953), podemos dizer que em 1554 os Soldados de Cristo deram início às suas atividades de artes e ofício juntamente com o ler, contar, e cantar. As cartas jesuíticas vão desvelando que os padres da Companhia introduziram na colônia os ofícios de tecelão, de torneiro, de carpintaria e o ofício de oleiro. Nessas ações estavam envolvidos os padres Antônio Pires e Afonso Brás, o irmão Diogo Jácome. (artes e ofícios dos jesuítas no Brasil, 1953, p. 24). Tinham os inacianos, como seus aprendizes nas artes e nos ofícios índios e negros, livres e escravos e conforme a organização social se ampliava em torno dos colégios, das igrejas e das fazendas jesuíticas crescia-se o volume das artes e dos ofícios.

Os inacianos, da mesma maneira que se utilizou de estratégias lúdicas, apropriaram-se das Artes e dos Ofícios como ferramentas de catequização e educação, contribuindo para a construção da identidade brasileira na produção artística.

Os ofícios dos meninos índios, que aprenderam sob o amparo dos Padres e ficaram na Baía e vilas do litoral, é sem dúvida a primeira pagina do trabalho civilizado, que sem ser português do Reino, se diferencia do primitivo indígena: quer dizer, já é trabalho brasileiro (LEITE, 1953, p. 23).

As diferentes atividades relativas às Artes e Ofícios desenvolvidos nas terras brasílicas, tais como o ofício de tecelão, pedreiro, sapateiro, carpinteiro, só podem ser compreendidas com a ajuda dos nativos, aprendizes constantes dos inacianos.

Os jesuítas também ensinaram os indígenas a construírem casas e igrejas, trabalhar com a madeira e com o barro. Ensinaram a fazer móveis, instrumentos musicais e objetos ornamentais de barro e madeira que podem ser vistos ainda nos dias de hoje no interior das igrejas brasileiras.

4.2. No BRASIL

Não se pode negar a necessidade de continuar o processo educacional nos dias de hoje. Embora os modelos e padrões difiram diacronicamente, as disparidades se encerram aí. Garantir uma mão de obra especializada e produtiva requer investimento no ser humano, envolvendo tanto sua formação como sua saúde, cultura, lazer e informação. Para Dowbor (2001, p.23)

[...] a dimensão social do desenvolvimento deixa de ser um “complemento”, uma dimensão humanitária de certa forma externa aos processos econômicos centrais, para se tornar um componente essencial do conjunto de reprodução social. [...] A educação no Brasil envolve hoje, entre alunos e professores,

mais de 30 milhões de pessoas. A cultura tornou-se um dos setores mais importantes no conjunto das atividades econômicas e sociais.

Dessa forma, artes e ofícios permanecem juntos, visto que, para Dowbor (2001, p. 14-17) “a área social é indispensável para o bom andamento das atividades produtivas”. Ainda segundo o autor, a atividade econômica é, portanto, um *meio*, enquanto que o bem-estar social é o *fim* (p. 24-25).

Todas as atividades de catequese, leitura e escrita, coral, teatro e participação da vida social da tribo visavam um objetivo principal: ensinar ao indígena o ofício e os costumes da corte. Hoje, busca-se propiciar o bem-estar social, envolvendo saúde, educação, cultura, lazer e informação, como forma de aumentar a produtividade social.

Nada disso significa, no entanto, que as estruturas das políticas sociais do Brasil sejam organizadas e descentralizadas. Infelizmente, gasta-se muito, mas gasta-se mal.

O apoio aos flagelados do Nordeste se transformou em indústria da seca; o complemento alimentar nas escolas, em indústria da merenda; a saúde, na indústria da doença e a educação está rapidamente caminhando para se tornar um tipo de indústria do diploma. A área social precisa, sem dúvida, de mais recursos. Mas precisa hoje, muito mais ainda, de uma reformulação político-administrativa (DOWBOR, 2001, p. 35).

Em virtude do desenvolvimento social, Sugahara (2010) aponta que há de se notar também a necessidade de garantir à sociedade um desenvolvimento sustentável e esta, em contrapartida, diminuir o caráter predatório do sistema produtivo. Desse modo, garantindo a

sustentabilidade, forma-se uma rede de empregos verdes, cujo principal objetivo é minimizar o impacto da produção no meio ambiente. Obviamente, o bem-estar social deve prevalecer, e toda forma de trabalho que puser o trabalhador em situação de semiescravidão deve ser excluída.

Entendemos que esses “Empregos Verdes” possam ser criados em todos os setores e empresas, em áreas urbanas bem como em zonas rurais e inclui ocupações em todo espectro laboral, desde o trabalho laboral até o altamente qualificado, possibilitando a absorção de mão de obra atualmente não utilizada mercadologicamente falando, procurando redução desses trabalhadores no tocante à preservação do planeta. (SUGAHARA, 2010, p. 42).

Em todos os setores produtivos, bem como em qualquer país de todos os níveis de desenvolvimento econômico, o potencial de empregos verdes é grande. Todas as transformações do mercado de trabalho, associadas às mudanças de mentalidade sobre a sustentabilidade do planeta, além da prevalência do bem-estar social fazem com que a economia tente realinhar seus objetivos de tal forma que o social abarque todos esses setores, redefinindo o homem produtivo em harmonia com o meio ambiente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jesuítas, isolados no Brasil do século XVI se distanciaram de algumas práticas realizadas na metrópole, pois a vida na colônia era, significativamente, diferente, o que os levou a se adaptarem à cultura nativa, aprendendo a língua e os costumes.

Debruçaram-se sobre a terra e os nativos com um espírito ao mesmo tempo prático e aberto, unindo à sua fé, um zelo constante pela conversão do gentio, e, com a intenção de catequizar, o jesuíta, utilizou-se do lúdico, tanto da cultura indígena como da europeia.

Os missionários viam nas músicas, danças e cantos indígenas, além de um meio de comunicação e aculturação, maneiras e costumes diferentes, mas não opostos à religião cristã. Essa visão tornou-se um meio, um instrumento facilitador de acesso aos nativos, quer para a comunicação do evangelho, quer para atraí-los à escola de ler, escrever e contar.

Concomitantemente, coube também a eles ensinar aos indígenas os ofícios adequados à construção da colônia, garantindo o bem-estar social e adequação das atividades produtivas. Tal situação é perceptível também atualmente, haja vista os mesmos enfoques sociais, guardadas as devidas proporções. Nota-se também a necessidade cada vez maior de se preservar o meio ambiente como garantia do bem-estar social que visa seu crescimento produtivo sem perder de vista o engrandecimento do ser humano nesse tecido.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, J de. **Auto representado na festa de São Lourenço**. Comentários e trad. Maria de Lourdes de Paula Martins. Boletim I Documentação Linguística São Paulo: Museu Paulista, 1948.

BARROS, A. T. de. **Heranças da Casa Grande no folclore e na cultura popular: a contribuição de Gilberto Freyre**. Brasília: Mimeo, 2001.

BISPO, A. A. **Homo ludens e descobrimentos**. Disponível em <http://ismps.de/ludica98.htm>, [Em 28/11/02].

BOSI, A. **Historia Concisa da Literatura Brasileira**. 2 ed., 3ª impressão. São Paulo: Cultrix, 1984.

CARDOSO, A. Pe. **Teatro de Anchieta**. Vol. 3. São Paulo: Loyola, 1977.

CARTAS jesuíticas. **Cartas avulsas (1550-1568)**. Introdução de Afrânio Peixoto. Vol II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, reimpressão, 1931.

D'ARAUJO, A.L. **Arte no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

DOWBOR, L. Gestão social e transformação da sociedade. In: DOWBOR, L.; KILSZTAJN, S. (org). **Economia social no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Ed. SENAC, 2001. P. 17-41.

FLECK, E. C. D. **Rindo com os índios – representações da alegria de viver indígena em Anchieta. Lócus**. (Juiz de Fora), UFJF, Juiz de Fora (MG), v.09, n16, p.79-89, 2003.

KASSAB, Y. **As estratégias lúdicas nas cartas dos primeiros jesuítas da América Portuguesa**. São Paulo: All Print, 2012.

KUHNEN, A. **As origens da Igreja no Brasil: de 1500-1552**. Bauru. São - Paulo: EDUSP, 2005.
(30.894)

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, tomo II, século XVI - O Estabelecimento. Lisboa: Portugalia. Rio de janeiro: Civ. Brasileira, 1938.

_____. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo**. 3 volumes. São Paulo, 1956.

_____. **Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)**. Lisboa - Rio de janeiro: Tipografia Porto Médico, 1953

MARCILIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARTINS, M. de P. *José de Anchieta*. **Auto representado “Na festa de São Lourenço”**. São Paulo: Museu Paulista. Boletim I doc. 1, 1948.

NEMESIO, V. **O campo de São Paulo. A Cia de Jesus e o plano português do Brasil**. 3 ed. Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1971.

O’MALLEY. J. **Os primeiros jesuítas**. Trad. Domingos Armando Donida. Rio Grande do Sul. São Leopoldo - UNISINO, São Paulo – Bauru: EDUSP, 2004.

REVISTA Digital Art & - ISSN 1806-2962 – ano II – número 02 – outubro de 2004 [www.revista.art.br/site-numero-05/trabalhos/10.htm].

SODRE, N. W. **História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos.** 3ª ed. Integralmente refundida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

SOUZA, N. de. **Catolicismo em São Paulo – 450anos da presença da Igreja Católica em São Paulo.** São Paulo: Paulinas, 2004.

STEPHANOU, M. H. C. B. (org). **História e memória da educação no Brasil**, vol. 1. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SUGAHARA, C. R. da S. **Desenvolvimento sustentável e empregos verdes no Brasil.** Mestrado em Economia Política, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. SP, 2010.